

**REFLEXÕES SOBRE A CENTRALIDADE URBANA DE MACAPÁ-  
AP-BRASIL**

**REFLECTIONS ON THE URBAN CENTRALITY OF MACAPÁ-AP-BRAZIL**

**REFLEXÕES SOBRE UNA CENTRALIDAD URBANA DE MACAPÁ-AP-  
BRASIL**

**João Paulo de Almeida Amorim**

Licenciado e Bacharel em Geografia, Mestre em Desenvolvimento Regional pela Universidade Federal do Amapá – UNIFAP. Doutorando em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Membro do grupo de pesquisa Percepções do Amapá/UNIFAP. joapauloamorim30@gmail.com / <http://orcid.org/0000-0002-0821-5327>

**Eliane de Jesus Miranda Santana**

Graduada e Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Pará – UFPA. Professora de Geografia do Instituto Federal do Amapá – IFAP. eliane.santana@ifap.edu.br / <http://orcid.org/0000-0002-5606-3460>

**Recebido para avaliação em 15/01/2019; Aceito para publicação em 24/04/2019.**

**RESUMO**

Este artigo teve o objetivo de analisar a centralidade urbana da cidade de Macapá, no estado do Amapá, sob a ótica de desenvolvimento da economia local e regional, e sua importância no contexto de cidade média. A metodologia utilizada foi a pesquisa documental com a análise de referências bibliográficas relativas à centralidade urbana como textos, documentos, jornais, recortes, livros, artigos científicos, banco de dados disponíveis, páginas de internet que puderam servir de base teórica para o trabalho. Posteriormente foram feitas a análise e a discussão dos dados adquiridos através de tabelas, planilhas e mapas de acordo com a finalidade do trabalho. Verificaram-se as proposições, ideias e discussões acerca do que vem sendo debatido sobre esta temática no Brasil e na Amazônia Oriental. Nesse sentido, acredita-se que este trabalho possa servir de suporte teórico para o desenvolvimento do estudo das funções urbanas da cidade de Macapá.

**Palavras-chave:** Centralidade; Centro; Macapá; Cidade Média.

**ABSTRACT**

This article had the objective of analyzing the urban centrality of the city of Macapá, in the State of Amapá, under the perspective of the development of the local and regional economy, and its importance in the context of average city. The methodology used was the documentary research with the analysis of bibliographical references related to urban centrality as texts, documents, newspapers, clippings, books, scientific articles, database available, web pages that could serve as theoretical base for the job. Afterwards, the analysis and discussion of the data acquired through tables, worksheets and maps were done according to the purpose of the work. It was verified the propositions, ideas and discussions about what has been debated on this subject in Brazil and in the Eastern Amazon. In this sense, it is believed that this work can serve as a theoretical support for the development of the study of the urban functions of the city of Macapá.

**Keywords:** Centrality; Center; Macapá; Average City.

## RESUMEN

Este artículo tuvo el objetivo de analizar la centralidad urbana de la ciudad de Macapá, en el Estado de Amapá, bajo la óptica de desarrollo de la economía local y regional, y su importancia en el contexto de ciudad media. La metodología utilizada fue la investigación documental con el análisis de referencias bibliográficas relativas a la centralidad urbana como textos, documentos, periódicos, recortes, libros, artículos científicos, bases de datos disponibles, páginas de internet que pudieron servir de base teórica para el trabajo. Posteriormente se hizo el análisis y la discusión de los datos adquiridos a través de tablas, hojas de cálculo y mapas de acuerdo con la finalidad del trabajo. Se verificaron las proposiciones, ideas y discusiones acerca de lo que viene siendo debatido sobre esta temática en Brasil y en la Amazonia Oriental. En ese sentido, se cree que este trabajo puede servir de soporte teórico para el desarrollo del estudio de las funciones urbanas de la ciudad de Macapá.

**Palabras clave:** Centralidad; Centro; Macapá; Ciudad Media.

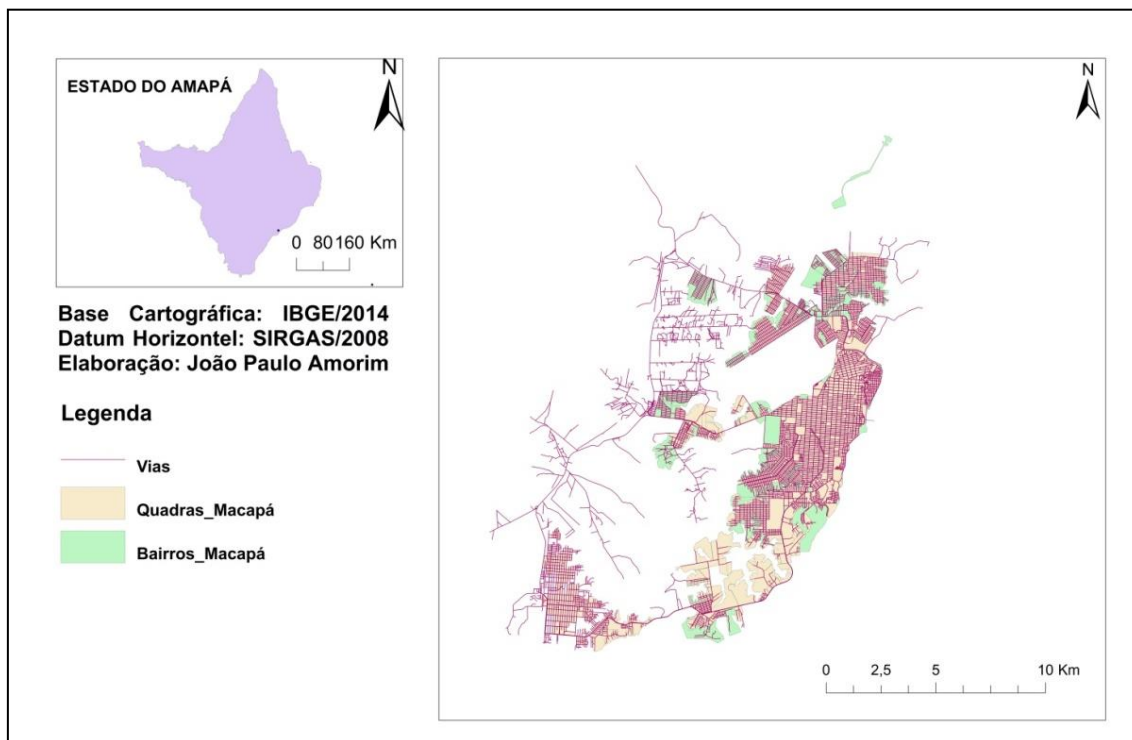
---

## INTRODUÇÃO

O processo de urbanização no mundo é um dos campos de estudo que mais tem chamado à atenção de pesquisadores sociais nos últimos anos. A problemática urbana é mundial. Logo, o espaço urbano se refere não apenas à projeção das relações sociais, mas lugar e terreno onde as estratégias se confrontam (LEFEBVRE, 1999). Esse processo intensifica-se com o advento da Revolução Industrial através da expulsão de trabalhadores do campo para as cidades a servir como mão de obra para as fábricas e se consolida no espaço geográfico mundial no século XX. Acentuou-se consideravelmente no decorrer do século passado, trazendo rupturas e permanências que incidem nos processos de produção e estruturação do espaço urbano (OLIVEIRA JÚNIOR, 2008).

Nesse sentido, o município de Macapá (Figura 1), no estado do Amapá, se insere na dinâmica de urbanização da Amazônia, a partir da década de 1950, intensificada com a instalação de grandes empreendimentos, como a ICOMI S.A. (Indústria de Comércio e Mineração).

Figura 1 – Espaço urbano de Macapá-AP



Fonte: Elaboração dos autores, 2018.

A política desenvolvimentista adotada para a Amazônia, principalmente a partir da década de 1970, associou-se à concepção de regionalização apoiada nos polos de crescimento, pensados para a Amazônia de forma a viabilizar grandes interesses corporativos (TRINDADE JR., 2015). Nesse sentido, as cidades estavam ligadas a projetos minerais e de infraestrutura, com pouca interação local e voltada à economia externa. Macapá se insere nessa lógica bem antes dessa política regional com a exportação de minério de ferro, o que causou um desenvolvimento urbano mais acelerado por conta da atração de migrantes na tentativa de conseguir emprego na ICOMI. Nesse contexto histórico, apesar de a capital amapaense ser considerada uma cidade pequena, com baixa população, começa a concentrar serviços e a gestão político-administrativa, já presente desde 1944 com sua transformação em capital do então ex-Território Federal do Amapá.

Para Oliveira (2004), não há definição absoluta sobre o porte das cidades, mas concorda que o critério demográfico ainda é o mais utilizado. Não obstante, defende a consideração de outros critérios, como por exemplo, a baixa articulação com as cidades do entorno, predominância de atividades caracterizadas como rurais e a baixa capacidade de oferecimento de serviços públicos. Macapá é a única cidade amapaense que apresenta população acima de 100 mil e abaixo de 500 mil habitantes, configurando-se como cidade média.

Nessa direção Costa e Cidade (2010) evidenciam que as cidades médias tendem a configurar como centros regionais, com todas suas implicações na qualidade de núcleos de localização das funções de órgãos governamentais (federais ou estaduais) e de centros urbanos melhor equipados em cada região; são receptoras não só de fluxos migratórios, mas das demandas regionais de políticas públicas (principalmente educação, saúde e assistência social); e, constituem referência política e administrativa para a rede urbana regional, inclusive exercendo liderança sobre as outras cidades da região e estabelecendo a possibilidade de implantar avaliações e soluções das problemáticas de forma associada (consórcios).

No início deste século, as urbanizações na Amazônia estão sendo produzidas sob a égide do poder das metrópoles regionais Manaus e Belém, provocando um desenvolvimento das cidades médias na região (RIBEIRO, 2001).

O contexto urbano regional em que se encontra a Amazônia na atualidade possui uma realidade complexa de processos em sua estrutura, que necessita de um entendimento por parte da comunidade científica em que pese o novo papel desenvolvido pelas suas novas cidades médias. O estudo da centralidade das cidades médias, como Macapá, ajuda a compreender como os novos fatores de inserção do capital na região servem para induzir novas transformações no espaço.

### **CENTRO E CENTRALIDADE NA PRODUÇÃO URBANA: uma análise teórica**

Para a melhor compreensão do fenômeno urbano na cidade de Macapá, torna-se necessário o debate sobre centro e centralidade urbana, como geradores de expressões e formas urbanas que se consolidam no espaço. Na discussão sobre centro e centralidade, Silva (2013) discorre de forma objetiva o que seria o conceito de cada um:

O centro é visto como uma realidade material, historicamente produzida, que resulta da ação convergente, ao longo do tempo, de inúmeros agentes, que a partir de suas ações individuais contribuem para a conformação do centro. Essa materialidade se constitui em um condicionante da ação desses mesmos agentes, uma vez que tal realidade pode até ser modificada, mas de modo algum pode ser ignorada [...] A centralidade, por outro lado, seria uma capacidade de polarização, de atração e dispersão/controlar dos fluxos que depende fundamentalmente da densidade de fixos que o centro possui (SILVA, 2013, p. 02).

O centro da cidade aparece como uma realidade histórica, construída socialmente por diversos agentes do espaço urbano. Além disso, sua materialidade se constrói nessa realidade e, também, é condicionante das relações sociais nela contidas, uma vez que, a

centralidade vem a ser a capacidade de atração/dispersão entre os objetos fixos e os fluxos de bens, serviços e mercadorias presentes no espaço do centro.

Sobre centralidade, a análise de Lefebvre evidencia a origem desse fenômeno na produção do espaço:

A centralidade advém desde o primeiro recolhimento e da primeira recoleção de objetos dispersos na natureza, desde o primeiro ajuntamento de amontoado de frutos. Ela anunciava sua realização virtual. Desde o princípio, reunir, amontoar, recolher é algo de essencial na prática social; é um aspecto racional da produção que não coincide com a atividade produtiva, mas dela não se dissocia (LEFEBVRE, 1999, p. 113).

O autor remonta a ideia de centralidade ao período de coleta característico das sociedades primitivas e afirma que essa prática seria a gênese virtual da prática social de centralidade. A centralidade se dá através da reunião de elementos e coisas que permitem a reunião (a rua e a superfície da rua, pedra, asfalto, calçada, etc.). Seu reconhecimento a partir da leitura dos signos urbanos permite identificar os germes da centralidade, porém, no decurso de sua realização, a concentração sempre enfraquece e se rompe (LEFEBVRE, 1999).

O fenômeno da centralidade, para Lefebvre, é dialético, pois no cerne do movimento contraditório (dialético), ao mesmo tempo em que se cria, destrói-se para formar outra centralidade; na realização deste processo, o urbano modifica e ressignifica suas formas e funções. No entanto, existem outras visões de centralidade que precisam ser expostas para a construção de nosso debate. A centralidade apresenta como o centro de uma estrutura urbana concêntrica, reunindo suas principais atividades econômicas. As novas centralidades surgiriam mais distantes da centralidade principal, em direção à periferia urbana.

Ao longo da evolução do pensamento geográfico, a corrente de pensamento da Geografia teórico-quantitativa afirma que a centralidade tende a ocorrer onde há maior variedade na oferta de bens e serviços, em uma estrutura urbana delimitada a partir de hierarquias intra e interurbanas. Logo, a centralidade surge como função das áreas que ocupam o comando da hierarquia urbana. Essa hierarquia é entendida a partir da teoria central da localização de Christaller.

Santos (2008) afirma que é preciso rever as relações hierárquicas urbanas, sob a ótica da centralidade, visto que os centros urbanos subjugados na hierarquia podem ter relações diretas com as metrópoles regionais/nacionais na troca de mercadorias e produtos, sem necessariamente estabelecer um canal de passagem obrigatória com o centro urbano mais próximo.

Na análise da centralidade, Corrêa (1989) diz que o fenômeno de centralidade urbana decorre da integração intra e interurbana, onde o centro é marcado pelo processo de verticalização cercado pela aglomeração de indústrias e com mão de obra farta para dispor das indústrias. Com o excesso de aglomeração causado, principalmente, por perda de amenidades físicas, transporte deficitário e caótico, aumento do preço da terra e impossibilidade de extensão da área central, criam-se subcentros urbanos para atender a demanda de consumo e produção desse espaço urbano *saturado*.

Trindade Jr. (2011) afirma que é preciso estabelecer a diferença entre centro e centralidade, em que o primeiro compreenderia os pontos fixos em determinada parcela do espaço urbano e a centralidade seria a circulação (sistema de fluxos) de serviços e mercadorias. O centro denota a concentração espacial destes pontos fixos, enquanto que, a centralidade seria a capacidade de circulação dos elementos presentes no centro urbano.

Para Spósito (1991), o centro é uma área de máxima concentração de atividades econômicas dentro do tecido urbano e a centralidade nas cidades de médio porte chama a atenção para os pontos que precisam ser considerados na análise da estrutura urbana das cidades:

1. As novas localizações dos equipamentos comerciais e de serviços concentrados e de grande porte determinam mudanças de impacto no papel e na estrutura do centro principal ou tradicional, o que provoca uma redefinição de centro, de periferia e da relação centro-periferia.
2. A rapidez das transformações econômicas que se expressam, inclusive, através das formas flexíveis de produção impõem mudanças na estruturação interna das cidades e na relação entre as cidades de uma rede.
3. A redefinição da centralidade urbana não é um processo novo, mas ganha novas dimensões, considerando-se o impacto das transformações atuais e a sua ocorrência não apenas nas metrópoles e cidades grandes, mas também em cidades de porte médio (SPÓSITO, 1991, p. 02).

Essas dinâmicas produzem novas formas de apropriação do espaço urbano e, também, novas formas de centralidade, a partir de transformações econômicas, que são portadoras de preferências de localização para a produção e consumo de bens e serviços na estrutura interna das cidades. Spósito (1991) ainda afirma que, nessa conjuntura urbana, existem níveis de especificidade que devem ser estudados a partir de cada formação socioespacial e cada conjuntura econômica.

## **CENTRALIDADE URBANA DA CIDADE DE MACAPÁ**

Santos (1982) afirma que a sociedade não se inscreve fora do espaço, não existe sociedade a-espacial, desprovida desse elemento condicionante e, também, o espaço é ativo

na constituição das relações sociais. Nesse sentido, pode-se analisar onde os elementos históricos se reproduzem no espaço.

A cidade de Macapá, no estado do Amapá, fundada em 1751 como Vila de São José de Macapá, no período pombalino e, posteriormente como cidade em 1856, apresentando, em sua fundação, ligação a dois projetos da coroa portuguesa: o primeiro insere a vila de Macapá com seu desenvolvimento baseado nas fortificações, como base de defesa territorial e geopolítica; o segundo projeto voltado para exploração econômica, visa à produção agrícola e povoamento da região.

A centralidade sub-regional da cidade de Macapá remonta aos objetivos de sua criação, quando, “enquanto vila militar passou a resguardar a entrada norte do vale amazônico (Cabo Norte) perante ameaças estrangeiras junto aos domínios dos portugueses” (SANTOS, 2012, p. 08).

O referido autor destaca a importância da formação socioespacial amazônica e remonta suas origens ao período anterior ao “descobrimento do Brasil”. É importante destacar que, bem antes da chegada do colonizador europeu, o processo de formação socioespacial amazônico já ocorria a partir das ações produtivas materiais e simbólicas dos diversos povos pré-colombianos que ocupavam essa região. Inclusive, os locais selecionados para a construção de fortificações e das futuras vilas e cidades seguiram, na maioria das vezes, a localização já adotada pelos indígenas para a construção de suas aldeias. “Pode-se afirmar que os primeiros sistemas de objetos e ações da espacialidade amazônica foram estabelecidos por seus primeiros povos e, passaram a orientar o estrangeiro em sua empreitada mercantil além-mar” (SANTOS, 2012, p. 115).

Essa apropriação material e simbólica ratifica o processo de instalação e criação da vila de São José de Macapá a partir da ideologia de proteção da fronteira da *hileia amazônica*. O centro da cidade de Macapá vem sofrendo, ao longo dos anos, diversas transformações em sua estrutura urbana. Santos (2005) afirma que a formação do espaço geográfico se dá através das relações de produção ao longo da história e se desenvolvem num movimento desigual e contraditório.

Amaral (2010) afirma que, diferente da realidade do Pará, no Amapá existe uma concentração populacional urbana na cidade de Macapá de 58,59% e, somado com a cidade de Santana, chega à taxa de 74,27% de toda a população do estado (AMORIM, 2016), configurando um processo de urbanização concentrado no eixo Macapá/Santana. Os agentes sociais hegemônicos, típicos das cidades capitalistas, vêm modelando e remodelando a paisagem do centro da cidade de Macapá (Figura 2). Através da criação e

recriação de formas urbanas novas e pretéritas pela refuncionalização de seu conteúdo, as denominadas “rugosidades” por Santos (2004).

**Figura 2 –** Mudanças na funcionalidade da Fortaleza de São José de Macapá



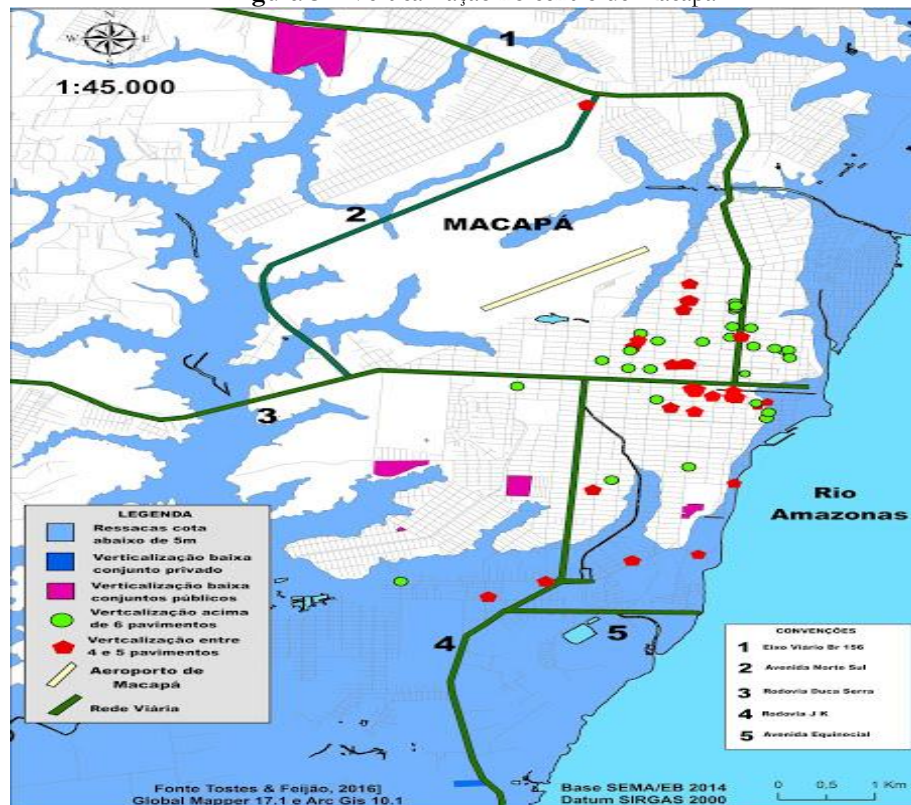
Fonte: Blog Porta-Retrato, 2016.

Como exemplo desses processos, a Fortaleza de São José de Macapá que, inicialmente serviu como base militar, para defesa do território amazônico, hoje é utilizada como espaço de eventos solenes, museu, e atividades de imagem e som, manteve sua forma, mas seu conteúdo foi refuncionalizado. O capitalismo se reproduz contraditoriamente e, sobretudo, difunde a desigualdade, apropriando-se ou mesmo produzindo a diferenciação, a fim de expandir a lógica mercantil que lhe é inerente (COSTA; GONÇALVES, 2006).

Sobre o crescimento urbano de Macapá, Amaral (2010) salienta que existe o processo de verticalização mais intenso no centro da cidade, ocupado principalmente por classes sociais mais abastadas, que se utilizam dos serviços e comércio oferecidos e, nas periferias, uma maior horizontalidade do espaço urbano, que outrora possuía, em sua maioria, populações com baixo poder aquisitivo, mas que, vem sendo ocupado por classes sociais economicamente mais elevadas em virtude da ocupação de lotes residenciais. O início da verticalização no centro da cidade de Macapá indica um dos aspectos da materialidade das atividades urbanas (Figura 3).



Figura 3 – Verticalização no centro de Macapá



Fonte: Tostes, 2018.

A verticalização mais alta vem se concentrando no centro da cidade, porém, a infraestrutura oferecida pela cidade não acompanhou essa concentração espacial. As vias públicas ficam sobrecarregadas e as vagas de estacionamento são escassas desde o período dos primeiros planos diretores para a capital, o que gera uma ocupação do solo urbano central bastante elevada. O Plano Grumbilf (1960) foi o primeiro a afirmar que a cidade teria problema de estacionamento no futuro, fato que se baseava no modelo de ocupação do lote, privado ou institucional, pois não havia preocupação em definir a necessidade de vagas de estacionamento público (TOSTES, 2016).

O Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (MACAPÁ, 1973) afirmava que a cidade já apresentava um crescimento rápido e caótico, através da concessão de lotes e áreas. O referido plano contava com um programa de urbanização para atender uma população de 100.000 habitantes e levava em conta a topografia da cidade, cortada por lagos e igarapés.

Atualmente, a cidade de Macapá aparece como portadora de centralidade no que concerne consumo de bens e serviços. No entanto, a partir da discussão de Corrêa (1989) não possui as características de centralidade urbana típica das cidades industrializadas. Macapá, no entanto, aparece como sub-centro urbano, no que concerne à dinâmica econômica, pois está atrelada à metrópole regional de Belém (REGIC, 2008).

## MACAPÁ COMO CIDADE MÉDIA E SEU PAPEL COMO SUB-CENTRO REGIONAL

Segundo Trindade Jr (2011), são consideradas cidades médias aquelas que assumem um determinado papel na estrutura urbana regional como centro sub-regional, não sendo simplesmente centros locais, mas núcleos urbanos com capacidade de polarizar e influenciar um número significativo de cidades menores e articular relações de toda ordem. Sobre a evolução urbana na Amazônia Oriental, na qual se insere a cidade de Macapá, evidencia-se um processo evolutivo do quadro urbano amazônico, diante de modificações na rede de infraestrutura da região, como a abertura das rodovias Belém-Brasília e Cuiabá-Santarém (Quadro 1).

**Quadro 1** – A rede urbana da Amazônia em dois momentos

<b>Antes de 1960</b>	<b>Após 1960</b>
Forma Dendrítica	Forma Anastomosada
Atividades econômicas tradicionais	Frentes econômicas e de modernização
Circulação fluvial e ferroviária	Circulação multimodal: destaque às rodovias
Cidades dos notáveis: pequenas e semelhantes	Cidades híbridas: dos “notáveis” e econômicas
Cidade primaz	Difusão do fenômeno de metropolização
Concentração econômica	Desconcentração econômica
Pouco destaque às cidades intermediárias	Papel importante das cidades intermediárias

Fonte: Trindade Jr (2011).

Do quadro acima é possível verificar a evolução urbana presente antes e depois de 1960 na Amazônia Oriental. De 1960 em diante o padrão de formação espacial muda do sistema dendrítico para o anastomosado, e as atividades econômicas passam a se intensificar no sentido da modernização, a ocupação na região passa a ocorrer ao longo do eixo das rodovias. Além disso, o processo de evolução demográfica das cidades médias atinge taxas superiores aos grandes centros urbanos. Por exemplo, Macapá apresenta um crescimento populacional de 46.905 habitantes em 1960 para 179.252 habitantes, em 1991.

Nesse primeiro recorte temporal, o aumento populacional se dá principalmente por ter sido transformado em Território anos antes e ter recebido investimento em sua infraestrutura urbana. Após a criação da Área de Livre Comércio de Macapá e Santana (ALCMS), em 1991, a população passa de 179.252 para 398.204 habitantes em 2010, segundo dados do IBGE. Durante esse período, a população macapaense mais que dobrou, pois, agregada à criação da ALCMS, adiciona-se também a transformação do Território

Federal do Amapá em Estado, a partir da Constituição de 1988, o que acarreta migrações inter-regionais nesse período para o então recém-criado estado do Amapá.

Segundo Amaral (2010), o vetor de crescimento urbano de Macapá, que até 1964 apresenta o seu núcleo confundindo-se com seu centro comercial e de serviços, a partir da criação da Rodovia Juscelino Kubitschek, Rodovia Duque de Caxias (BR-210) e BR-156, ocorre o crescimento em direção ao norte, oeste e sul da capital. Com relação às rodovias estas apresentam a função de conexão regional, pois possuem atividades comerciais e de serviços voltadas para o mercado regional.

Para o autor supracitado existem três tipos de cidades médias, no entanto, uma especificamente cabe salientar: que a cidade média apresenta:

Um lugar central, caracterizado pela oferta de bens e serviços para uma hinterlândia regional, destacando-se o comércio varejista e os serviços diversificados, ambos sob o comando de uma elite comercial. Trata-se do que convencionalmente se denominou de capital regional, uma cidade que, na hierarquia urbana, está situada entre a metrópole regional, a quem recorre para buscar bens e serviços mais complexos e para obter capitais para obter o controle de algumas atividades terciárias, e os pequenos centros locais, a quem subordina através de funções centrais (AMARAL, 2010, p. 136).

A cidade de Macapá aparece como cidade média, onde sua origem remonta à criação do Território Federal do Amapá. A partir de investimentos em infraestrutura e serviços, se transforma em capital administrativa, posteriormente, em cidade média, em função desse dinamismo criado pelo Estado.

A evolução populacional de Macapá, que segundo dados do IBGE era, em 1950, de 20.594 habitantes e em 1970 de 86.087 pessoas, em sua maioria, na área urbana de Macapá ratifica a importância da transformação em Território da União para o crescimento e desenvolvimento do espaço urbano de Macapá.

Segundo Amaral (2010), a partir do processo de metropolização da Amazônia, Macapá se afirma como cidade média, cuja centralidade se faz presente tanto no seu próprio estado, quanto em cidades e povoados da Ilha de Marajó. Trindade Jr. (2009) também confirma essa realidade a partir da intensificação dos fluxos entre Belém e Macapá, o que permitiu a centralidade desta até o limite fronteiro com a Guiana Francesa.

Com a transformação do ex-território do Amapá em Estado, a partir de 1988, criaram-se vários pequenos municípios no interior do estado, o que reforçou a centralidade econômica e urbana de Macapá, pois, como não possuíam infraestrutura e atividades econômicas intensas, estes municípios estavam atrelados de forma direta à produção econômica da capital amapaense.

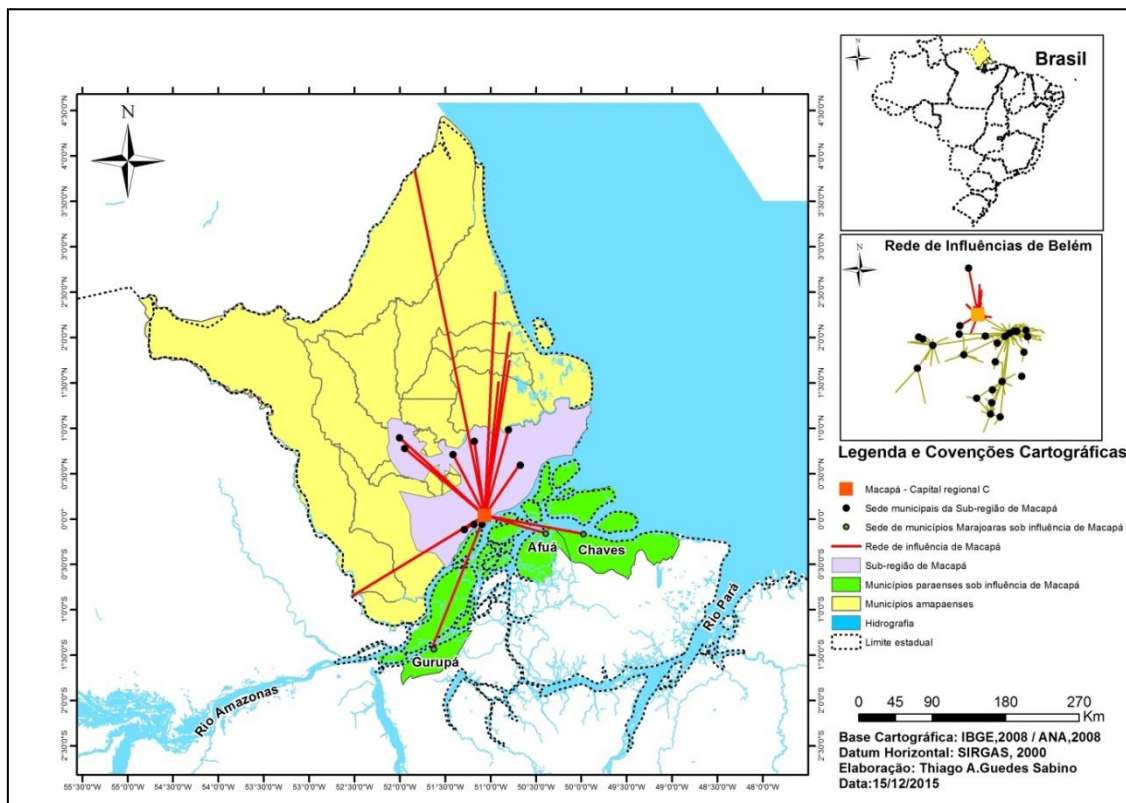
Quanto à relação de Macapá com a metrópole Belém, o fluxo de comércio e atividades entre as cidades é tão intenso que não se percebe em Macapá a presença de fluxos comerciais com capitais extra-regionais e nacionais além das relações com Belém. Esta apresenta uma primazia nos fluxos comerciais com a capital macapaense e o estado do Amapá como um todo (Figura 4).

A importância da capital nesse contexto espacial é ímpar, pois, além de funcionar como polo atrativo devido à rede de bens e serviços da Amazônia Setentrional Amapaense (ASA) (SANTOS, 2012), a cidade de Macapá possui uma influência direta nos municípios do interior amapaense. Segundo dados da Rede de Influência de Cidades – REGIC (2008), Macapá é capital regional C, estendendo sua influência em toda a região.

Macapá apresenta uma característica de ser capital regional C e cidade média, o que por si só já é uma condição diferenciada. Segundo a REGIC (2008), o agrupamento de capitais regionais C se constituem de 39 cidades com medianas de 250 mil habitantes e 162 relacionamentos.

Macapá possui 474.706 habitantes, segundo dados do IBGE referentes à estimativa da população para 2017, portanto, deveria integrar o grupo de capitais regionais B, com medianas de 435 mil habitantes e 406 relacionamentos. No entanto, a cidade não possui a quantidade de relacionamentos que o nível hierárquico capital regional B possui. Daí a importância de se destacar a menor intensidade de relacionamentos de cidades como Macapá, quando relacionadas a cidades do Centro-Sul brasileiro. Isso é reflexo simultaneamente das diferenças estruturais entre as cidades médias amazônicas e as cidades médias do Centro-Sul (SANTOS; AMORIM, 2015).

**Figura 4** – Rede de influência da Capital Regional C (Macapá) na Amazônia Setentrional Amapaense



Fonte: Organização do autor, 2016.

A falta de dados atualizados da REGIC leva a uma análise que mostra uma necessidade de aprofundamento desses dados, tendo em vista o crescimento populacional da capital amapaense e a contínua relação com o interior e as ilhas do golfo marajoara (AMORIM, 2016).

Além disso, a configuração urbana e regional amazônica apresenta características, de certa forma, diferenciadas com relação ao urbanismo industrial típico das regiões do Centro-Sul brasileiro, o que remonta a um aspecto ímpar da urbanização, onde os rios e a floresta possuem um papel importante em sua condição urbana.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das discussões abordadas neste artigo, a Amazônia oriental, como fronteira do capital, proporcionou a passagem do processo de urbanização da população à urbanização do território, o que de fato viabilizou o surgimento de cidades médias na Amazônia, dentre elas a cidade de Macapá.

Sobre a centralidade urbana de Macapá, é notório que os processos espaciais de transformação do município em Território Federal impulsionaram, num primeiro momento, a demanda por infraestrutura urbana em seu núcleo. Posteriormente, com a

transformação do ex-território em Estado a partir de 1988, associada à criação da ALCMS, a cidade de Macapá sofreu um segundo momento de crescimento urbano e populacional, que intensificou as atividades no setor de comércio e serviços no centro da cidade.

Neste processo, também, destaca-se a criação de novos municípios no estado, reforçando a centralidade urbana de Macapá por apresentar primazia nas relações comerciais com estes novos municípios, que apresentavam uma incipiente estrutura econômica e urbana para atender às demandas sociais ocasionadas por essa mudança na estrutura política destes municípios.

Macapá não apresenta a centralidade urbana típica das cidades industrializadas, porém, quando se analisa sua influência e estrutura no contexto de cidade média, nota-se uma dinâmica econômica intensa com a metrópole regional Belém e uma conjuntura urbana e econômica forte com a cidade de Santana, concentrando grande parte da atividade econômica e populacional do estado do Amapá, ocasionando o que se denomina *macrocefalia urbana* (crescimento acentuado e concentrado de população e atividades comerciais em determinado perímetro urbano) (AMARAL, 2010).

O processo de centralidade urbana da cidade de Macapá chama a atenção por possuir maior conexão de atividades econômicas no eixo Macapá/Santana, onde há a prevalência de atividades comerciais e de serviços no município de Macapá.

Sob a ótica do desenvolvimento de Macapá como cidade média, destaca-se o crescimento urbano e populacional da cidade nos últimos anos, em decorrência da expansão das atividades do setor terciário, a migração intra e inter-regional, além do crescimento da oferta de empregos no setor administrativo estadual, em função da transformação em Estado no fim da década de 1980 e a expansão do circuito inferior da economia. Como contraponto, a falta de capacidade de absorção da mão de obra advinda de outros estados em busca dessas oportunidades de emprego no âmbito administrativo e na procura de vagas proporcionadas pelo setor de exploração mineral no Amapá gerou um déficit habitacional e de serviços na capital.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, M. D. B. **Dinâmicas econômicas e transformações espaciais:** a metrópole de Belém e as cidades médias da Amazônia Oriental – Marabá (PA) e Macapá (AP). 2010. 347 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

AMORIM, J. P. A. **Organização espacial da sub-região de Macapá, na Amazônia Setentrional Amapaense (1990-2015)**. 2016. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Universidade Federal do Amapá, Macapá – 2016.

BLOG PORTA-RETRATO. **Fortaleza de São Jose de Macapá**. Disponível em: <<http://porta-retrato-ap.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

BLOG PORTA-RETRATO. **Fortaleza de São Jose de Macapá**. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/amapa/macapa.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

CORREA, R. L. **O Espaço Urbano**. Rio de Janeiro: Ática, 1989.

COSTA, R. H. da; GONÇALVES, Carlos Valter Porto. **A nova des-ordem mundial**. São Paulo: UNESP, 2006.

COSTA, S. M. C. de; CIDADE, Lúcia C. F. O centro e a centralidade na estrutura urbana: um debate teórico. In: ENCONTRO NACIONAL DOS GEÓGRAFOS, 16., 2010, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: AGB, 2010.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Regiões de influência de cidades 2007**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.

LEFEBVRE, Henry. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

OLIVEIRA, J. A. A cultura nas (das) pequenas cidades da Amazônia Brasileira. In: CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS: A questão social no novo milênio, 7., 2004, Coimbra. **Anais...** Coimbra, 2004.

OLIVEIRA JUNIOR, G. A. de. Redefinição da centralidade urbana em cidades médias. **Sociedade e Natureza**, v. 20, n. 1, p. 205-220, jun. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sn/v20n1/a14v20n1.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2019.

RIBEIRO, M. A. A rede urbana amazônica – da rede dendrítica à configuração de uma rede complexa. In: SPÓSITO, M. E. B. **Urbanização e cidades: perspectivas geográficas**. Presidente Prudente (SP): UNESP, 2001. p. 369-389.

SANTOS, Milton. **Espaço e sociedade: ensaios**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

\_\_\_\_\_. **Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica**. 6. ed. São Paulo: Edusp, 2004.

\_\_\_\_\_. **A urbanização brasileira**. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2005. (Coleção Milton Santos; 6).

SANTOS, E. R. C. **Amazônia Setentrional Amapaense: do “mundo” das águas às florestas protegidas**. 2012. 276 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2012.

SANTOS, R. V.; AMORIM, J. P. A. A centralidade urbana sub-regional de Macapá-AP e sua região de influência. ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL, 16., 2015, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: ANPUR, 2015.

SILVA, O. T. da. O conceito de centro e centralidade como um instrumento de compreensão da realidade urbana. SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA, 13., 2013, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2013.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. O centro e as formas de expressão da centralidade urbana. **Revista Geografia**, São Paulo, v. 10, p. 1-18, 1991.

TERRITÓRIO FEDERAL DO AMAPÁ. MACAPÁ. **Plano diretor de desenvolvimento urbano Grumbilf do Brasil**. São Paulo, 1960.

TERRITÓRIO FEDERAL DO AMAPÁ. MACAPÁ. **Plano diretor de desenvolvimento urbano**. Fundação João Pinheiro: Macapá, 1973.

TRINDADE JR., S. da et al. (Org.). **Pequenas e médias cidades na Amazônia**. Belém: FASE/COMOVA, 2009.

TRINDADE JR., S. da. Cidades médias na Amazônia Oriental: das novas centralidades à fragmentação do território. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 13, n. 2, p. 135-151, nov. 2011.

TOSTES, J. A. **Verticalização no centro de Macapá**. 2016. Disponível em: <<http://josealbertostes.blogspot.com.br/2016/09/Verticalização-no-centro-de-Macapá.html>>. Acesso em: 10 out. 2018.